

AS MARCAS DE UM RELACIONAMENTO ÍNTIMO COM DEUS



“[28] E Moisés esteve ali [no monte Sinai] com o SENHOR quarenta dias e quarenta noites. Não comeu pão nem bebeu água; e escreveu nas tábuas as palavras da aliança, os dez mandamentos. [29] Quando desceu do monte Sinai, trazendo nas mãos as duas tábuas do testemunho, sim, quando desceu do monte, Moisés não sabia que a pele do seu rosto resplandecia, por ter Deus falado com ele. [30] E quando Arão e todos os israelitas olharam para Moisés e

viram que a pele do seu rosto resplandecia, tiveram medo de aproximar-se dele. [31] Então Moisés os chamou, e Arão e todos os líderes da comunidade foram até ele; e Moisés falou com eles. [32] Depois chegaram também todos os israelitas, e ele lhes comunicou tudo o que o SENHOR lhe dissera no monte Sinai. [33] Assim que acabou de falar com eles, Moisés cobriu o rosto com um véu. [34] Mas, quando ia à presença do SENHOR para falar com ele, Moisés tirava o véu até sair; quando saía dizia aos israelitas o que lhe havia sido ordenado. [35] Assim, os israelitas viam o rosto de Moisés com a pele resplandecente; e ele recolocava o véu sobre o rosto até entrar novamente para falar com Deus.” (Êxodo 34.28-35)

Quando Deus criou o homem, Ele o dotou de características ímpares em relação aos demais seres criados. Constituído à imagem e semelhança de Deus, o ser humano é o único ser vivo capaz de relacionar-se com o seu Criador. E como tal, foi criado para viver a intimidade com Deus, para relacionar-se “pessoalmente” com Deus, para conhecê-Lo profundamente (cf. Gênesis 3.8a – “o SENHOR Deus andava pelo jardim no final da tarde”). Não é a toa que o profeta Oséias conclama seus interlocutores dizendo: “Conheçamos e prossigamos em conhecer o SENHOR...” (Oséias 6.3a).

Quando se trata de um relacionamento íntimo e profundo com Deus, ninguém, no Antigo Testamento, usufruiu de experiências tão fenomenológicas quanto Moisés. A própria narrativa bíblica do livro do Êxodo afirma que “o SENHOR falava com Moisés face a face, como quem fala com o seu **amigo**” (Êxodo 33.11a). Nesse texto, a expressão “amigo”, do hebraico רֵעַהּ (*re’ah*), tem em sua raiz primitiva o sentido de um “cuidado especial como do pastor que cuida dos rebanhos”¹. Na relação entre Deus e Moisés não havia formalismo (obediência rígida a normas de comportamento) ou mecanicismo (ações programadas, automáticas e previsíveis). Não havia espaço para mesmice, monotonia, marasmo. Pelo contrário, era uma relação fundamentada em um companheirismo íntimo, recíproco, que se renovava a cada manhã de um novo dia. A Palavra de Deus declara:

*“... As suas misericórdias [do SENHOR] não têm fim; **renovam-se a cada manhã**. Grande é a tua fidelidade.” (Lamentações de Jeremias 3.22-23 – Almeida Século 21)*

*“Vede entre as nações, e olhai; maravilhai-vos e admirai-vos; porque **realizo em vossos dias** uma obra que não acreditareis, quando vos for contada.” (Habacuque 1.5)*

¹ STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

O que a maioria de nós não percebe é que, o relacionamento entre Deus e Moisés, nada mais é do que o arquétipo² da relação que Deus visa ter com todos os Seus filhos. Afinal, foi o próprio Senhor Jesus quem disse:

“Já não vos chamo servos, pois o servo não sabe o que o seu senhor faz; mas **eu vos chamo amigos**, pois vos revelei tudo quanto ouvi de meu Pai.” (João 15.15 – Almeida Século 21)

Na declaração carismática de Jesus, o termo “amigo”, do grego φίλος (*phílos*), expressa a ideia de “um dos amigos do noivo que em seu favor pediu a mão da noiva e prestou a ele vários serviços na realização do casamento e celebração das núpcias”³, ou seja, alguém que compõe o Seu círculo íntimo de amizade e confiança, e que seja capaz de representá-Lo em quaisquer circunstâncias.

Em relação a nós, o desejo do Senhor Jesus não é diferente. O “amigo” Jesus quer que cultivemos um relacionamento tão íntimo com Ele, que esse relacionamento nos habilite a sermos os representantes dEle em todos os momentos e em todos os lugares, assim como Moisés era o representante direto de Deus, perante a nação de Israel, em todas as situações. Em outras palavras, Deus nos chama para algo mais íntimo e profundo, no que tange o nosso relacionamento com Ele.

A relação entre Moisés e Deus nos apresenta algumas lições que merecem ser consideradas. São princípios de vida que devem ser imitados por aqueles que querem ter as marcas de um relacionamento íntimo com Deus, tendo-O como “amigo íntimo”. São elas:

1. Um relacionamento íntimo com Deus é uma relação que envolve uma total dependência de Deus – “E Moisés esteve ali com o SENHOR quarenta dias e quarenta noites. Não comeu pão nem bebeu água...” (Êxodo 34.28a)

Moisés foi alguém que viveu na prática as palavras do Senhor Jesus no deserto, quando Ele foi tentado pelo diabo: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4.4; cf. Deuteronômio 8.3b). Por quarenta dias e quarenta noites, a vida de Moises dependeu integralmente de Deus. Praticamente durante todo o seu ministério, Moisés guiou-se debaixo da dependência de Deus. E no momento em que resolveu agir por conta própria, Moisés ficou de fora da bênção que Deus tinha para ele e para o povo de Israel (cf. Número 20.7-12).

Muitas vezes, mesmo tendo ciência de que nós não somos nada, de que somos falhos e limitados (cf. Jó 7.7a; Salmo 8.3-4), ousamos tomar decisões movidas por vontade própria. E as decisões que tomamos, na maioria das vezes, são decisões diferentes das que Deus tomaria em nosso lugar. Não nos damos conta de que, toda vez que agimos fora da dependência de Deus, nos tornamos insubordinados

² **Arquétipo.** Modelo ou padrão ao qual se atribuem perfeição ou sublimidade. Exemplar originário transcendente passível de ser reproduzido em objetos semelhantes. (Dicionário Houaiss)

³ STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

perante Ele. Insubordinação é sinônimo de rebelião. E para Deus “*a rebelião é como o pecado de feitiçaria*” (cf. 1Samuel 15.23).

Ao profeta Samuel Deus diz que o “*o Senhor não vê como vê o homem. Pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração*” (cf. 1Samuel 16.7). De forma que nos tornamos cegos no momento em que tentamos enxergar, através dos nossos olhos naturais, aquilo que somente Deus enxerga. É preciso que Deus nos revele aquilo que está além do alcance natural dos nossos olhos. Precisamos aprender a enxergar com os “olhos da mente”, o qual podemos chamar de “visão de Deus”. A visão de Deus é uma dádiva distribuída somente àqueles que cultivam uma total da dependência de Deus em seu relacionamento com Ele. Foi o próprio Senhor Jesus quem disse: “*sem mim [Jesus] nada podereis fazer*” (cf. João 15.5).

2. Um relacionamento íntimo com Deus é uma relação que envolve um estilo de vida impactante – “*... quando desceu do monte, Moisés não sabia que a pele do seu rosto resplandecia, por ter Deus falado com ele.*” (Êxodo 34.29b)

Havia no rosto de Moisés um resplendor que impactava a visão que as pessoas tinham dele. Esse impacto foi produzido pelo efeito da Palavra de Deus na vida de Moisés, e reproduzido através da vida dele. Toda ação de Deus em nossa vida deve gerar uma reação, da nossa parte, na vida de outrem.

A narrativa bíblica relata que nas mãos de Moisés estavam “*as duas tábuas do testemunho*” (v. 29), isto é, os “Dez Mandamentos” – a Palavra de Deus. O texto também afirma que o rosto de Moisés resplandecia “*por ter Deus falado com ele*” (v. 29).

Moisés trazia a Palavra de Deus – a Lei de Deus, não apenas nas mãos, mas principalmente na vida. Ele não apenas carregava a Palavra de Deus consigo, mas também dentro si. Esse foi fator primordial do sucesso ministerial que ele teve, assim como o salmista Davi, que declarou: “*Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti*” (Salmo 119.11). Traçando um paralelo para os nossos dias, em que lugar a Palavra de Deus está presente em nossa vida? E mais... Que impacto ela tem causado na vida das pessoas através de nós? Que mudanças as pessoas têm percebido em nossa postura, em nosso comportamento, em nosso linguajar, em nossa maneira de olhar, por causa dos efeitos da Palavra de Deus em nosso interior? Que crescimento espiritual, de fato, nós temos experimentado e apresentado ao longo dos anos? Que qualidade de vida a igreja tem tido devido a nossa presença na comunidade? Em que nós temos sido úteis ao serviço do Reino de Deus?

No meio evangélico há muita disputa e muita discussão quando os assuntos são teológicos, filosóficos e sociais. Mas quando o assunto é a obediência à Palavra de Deus com a aplicação dos seus princípios à vida, toda disputa e discussão desaparecem. Somos muito bons quando o momento é de “aparecer”, mas somos extremamente ruins quando o assunto é “obedecer”. Nos dias atuais, os evangélicos são conhecidos pelos protestos e confrontos que realizam pelo Brasil afora. São protestos e confrontos

contra os projetos de lei a favor da união homoafetiva, contra a descriminalização do aborto, contra a manipulação de células tronco embrionárias, contra a prática da eutanásia e da ortotanásia. Tudo isso parece muito bom, mas tem pouca ou nenhuma relevância. Isso porque nós não confrontamos o mundo fazendo protestos, nem mesmo curtindo ou compartilhando isso ou aquilo no *Facebook*. Nós confrontamos o mundo obedecendo a Deus. Foi ao obedecer a Deus e construir a arca, que Noé condenou o mundo (cf. Hebreus 11.7), e não realizando confrontos e protestos.

3. Um relacionamento íntimo com Deus é uma relação que envolve o testemunho real de uma vida transformada – *“Então Moisés os chamou, e Arão e todos os líderes da comunidade foram até ele; e Moisés falou com eles. Depois chegaram também todos os israelitas, e ele lhes comunicou tudo o que o SENHOR lhe dissera no monte Sinai.”* (Êxodo 34.31-32)

Ninguém pode ofertar aquilo que não tem. Ninguém pode testemunhar algo que não vivenciou. Seja diante de líderes, seja diante do povo, Moisés era uma testemunha viva do poder transformador de Deus na vida do ser humano. E nós? Qual tem sido o nosso testemunho diante dos nossos chefes, diante dos nossos colegas de trabalho, diante dos nossos amigos e vizinhos, e até mesmo diante da nossa família? Como tem sido a nossa conduta de vida quando não estamos perto de nenhum crente?

Depois de uma metamorfose operada por Deus, Abrão se transformou em Abraão (cf. Gênesis 17.5)... Jacó se transformou em Israel (cf. Gênesis 32.28)... Saulo – o perseguidor de cristãos, se transformou em Paulo – o ganhador de almas (cf. Atos 9.19-20; 13.9)... Pedro, que se referindo a Jesus, disse em três ocasiões: *“Não conheço esse homem”* (cf. Mateus 26.70, 72, 74), depois de transformado pelo poder de Deus exclamou: *“Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda”* (cf. Atos 3.6)... E nós, temos nos transformado no quê? Que testemunho real de vida nós temos para dar aos outros?

4. Um relacionamento íntimo com Deus é uma relação que envolve um compromisso com a verdade – *“... quando ia à presença do SENHOR para falar com ele, Moisés tirava o véu até sair; quando saía dizia aos israelitas o que lhe havia sido ordenado.”* (Êxodo 34.34)

Vivemos em um tempo onde as igrejas buscam enlouquecidamente acomodar o maior número possível de pessoas dentro dos seus templos. Para isso oferecem, em seu “cardápio”, tudo aquilo que lhes agrada. Tornou-se moda a utilização, por parte das igrejas, de meios carnais para atrair as pessoas. E muitas igrejas têm lançado mão desse artifício, sem perceberem o erro que estão cometendo. Elas só darão conta disso em um futuro próximo. Em uma de suas pregações, o pastor batista norte americano Paul David Washer, declara: *“Quanto mais as igrejas tentarem crescer – não sendo igrejas bíblicas, mas sim encontrando a última moda com que possam atrair o maior número de pessoas – enquanto fizermos isso, nunca veremos o poder de Deus (...). Porque se você atrai pessoas usando métodos carnais, terá que usar meios carnais ainda maiores para mantê-los na igreja.”*⁴

⁴ Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=eyh2VbUBbBs> – Declaração localizada na marcação de 31min19s.

O objetivo da Igreja não é agregar ou acomodar mais pessoas. O objetivo da Igreja é acomodar a Deus e glória dEle em nosso meio. Não fomos chamados para construirmos impérios. Não fomos chamados para sermos aceitos. Nós fomos chamados para glorificar a Deus. Como escreveu o apóstolo Paulo em sua primeira carta à Igreja em Corinto, “*seja comendo, seja bebendo, seja fazendo qualquer outra coisa [inclusive se reunindo na igreja para prestar culto], fazei tudo para a glória de Deus.*” (1Coríntios 10.31). O próprio Senhor Jesus ordenou: “*Resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus*” (Mateus 5.16). Se queremos algo diferente disso, queremos algo que Deus não quer.

Nós podemos até usar todas as técnicas conhecidas para atrair pessoas, mas tudo será inútil se não atrairmos primeiro a glória de Deus para o nosso meio. No início de sua jornada na condução do povo à terra prometida, Moisés poderia ter pedido a Deus que lhe mostrasse a melhor técnica de liderança de massa, ou então que lhe mostrasse a melhor estratégia no comando das batalhas. No entanto, Moisés chega diante de Deus e diz: “*Rogo-te que me mostre tua glória*” (cf. Êxodo 33.18). Não há temor de Deus entre nós, quando não há presença e glória de Deus entre nós.

Como Moisés, apesar de ser “amigo” de Deus, continuou sendo um ser humano sujeito a erros e equívocos, nem tudo em sua vida é tido como exemplo a ser seguido. Em sua segunda epístola à Igreja em Corinto, o apóstolo Paulo escreve:

“*Nós não fazemos como Moisés, que cobria o rosto com um véu para que os israelitas não pudessem ver que o seu brilho estava desaparecendo.*” (2Coríntios 3.13 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

Houve um tempo em que o resplendor que havia no rosto de Moisés começou a desaparecer. Com receio de que sua “autoridade espiritual” fosse questionada, por causa do fim do brilho, Moisés continuou usando o véu para que as pessoas continuassem a pensar que o seu rosto continuava resplandecendo. Dessa forma, Moisés passou a viver preso às experiências divinas tidas no passado, sem mais ousadia e humildade para experimentar algo novo no presente. Em vez de buscar uma renovação da glória de Deus sobre a vida dele, Moisés preferiu viver à sombra de uma realidade de vida não mais existente.

Muitas pessoas, que se dizem cristãs, se vangloriam de um passado que já não existe mais. Outrora foram extremamente úteis ao Reino de Deus, mas hoje não passam de “parasitas existenciais”. E isso não se deve a fatores como idade ou saúde, mas à falta de ousadia e ao mesmo tempo humildade para continuar a evoluir em seu relacionamento com Deus.

Talvez, por causa da tradição da denominação, muitas igrejas – chamadas de “igrejas históricas” – têm excluído de seu meio uma expressão extremamente importante e relevante. Refiro-me ao termo “avivamento”. O verbo “avivar”, do hebraico *חַיָּה* (*chayah*), significa “sustentar a vida”, “ter a saúde recuperada”, “reanimar”, “revigorar”. No Antigo Testamento o termo também aparece

traduzido como “vivificar” – “*A minha alma está pegada ao pó; vivifica-me segundo a tua palavra*” (cf. Salmo 119.25; cf. Salmo 119.37, 40, 88, 107, 149, 156, 159 etc.)⁵. Esse é um conceito que precisa ser resgatado em nosso meio. Em um de seus momentos de oração, o profeta Habacuque declara:

“*Ouvi, Senhor, a tua palavra e temi; aviva, ó Senhor, a tua obra no meio dos anos, no meio dos anos a notifica; na ira lembra-te da misericórdia.*” (Habacuque 3.2)



O avivamento começa com o nosso inconformismo diante da qualidade da nossa vida espiritual. É quando deixamos de esperar as mudanças ocorrerem e passamos a ser, nós mesmos, o fator de mudança. Não raramente nós nos emocionamos e choramos diante de filmes e novelas, mas não derramamos uma lágrima de lamento perante a apatia da nossa vida espiritual. Vibramos fervorosamente quando o nosso time do coração conquista um campeonato importante. Mas essa mesma vibração não é vista quanto temos o privilégio e a oportunidade de declararmos a

maior de todas as vitórias: a conquistada por nosso Senhor Jesus Cristo na cruz do Calvário (cf. 1Coríntios 15.57).

O avivamento tem o seu início quando permitimos que o Espírito Santo gere em nós o mesmo estímulo que havia em Jacó no Vale de Jaboque quando, após literalmente agarrar-se a Deus, ele disse: “*Não te deixarei ir, se me não abençoares.*” (cf. Gênesis 32.26). Essa passagem encontra um paralelo nas palavras do Senhor Jesus quando ele ensina os seus discípulos a “*orar sempre e nunca desanimar*” (cf. Lucas 18.1).

Deus sempre espera algo mais da nossa parte. O nosso “amigo” Jesus, anseia ver em nós, as marcas de um relacionamento íntimo com Ele. Então... Que se cumpra a Sua vontade em nós (cf. Filipenses 2.13; Efésios 3.20)!

Soli Deo Gloria.

☞ Reflexão baseada no sermão – de mesmo título – ministrado em 01/07/2012, na Igreja Batista Memorial em Vila Rosária – São Paulo/SP.

⁵ STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.